



Ana Carla Marcello Pereira

Disciplina: Seminário de Estudos em Letras Anglo-Germânicas I

Professora: Izabela Maria Furtado Kestler

## **Todesfuge** (*Paul Celan*)

Schwarze Milch der Frühe wir trinken sie abends  
wir trinken sie mittags und morgens wir trinken sie nachts  
wir trinken und trinken  
wir schaufeln ein Grab in den Lüften da liegt man nicht eng  
Ein Mann wohnt im Haus der spielt mit den Schlangen der schreibt  
der schreibt wenn es dunkelt nach Deutschland dein goldenes Haar Margarete  
er schreibt es und tritt vor das Haus und es blitzen die Sterne er pfeift  
seine Rüden herbei  
er pfeift seine Juden hervor läßt schaufeln ein Grab in der Erde  
er befiehlt uns spielt nun zum Tanz

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich nachts  
wir trinken dich morgens und mittags wir trinken dich abends  
wir trinken und trinken  
Ein Mann wohnt im Haus und spielt mit den Schlangen der schreibt  
der schreibt wenn es dunkelt nach Deutschland dein goldenes Haar Margarete  
Dein aschenes Haar Sulamith wir schaufeln ein Grab in den Lüften  
da liegt man nicht eng  
Er ruft stecht tiefer ins Erdreich ihr einen ihr anderen singet und spielt  
er greift nach dem Eisen im Gurt er schwingts seine Augen sind blau  
stecht tiefer die Spaten ihr einen ihr andern spielt weiter zum Tanz auf

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich nachts  
wir trinken dich morgens und mittags wir trinken dich abends  
wir trinken und trinken  
ein Mann wohnt im Haus dein goldenes Haar Margarete  
dein aschenes Haar Sulamith er spielt mit den Schlangen

Er ruft spielt süßer den Tod der Tod ist ein Meister aus Deutschland  
er ruft streicht dunkler die Geigen dann steigt ihr als Rauch in die Luft  
dann habt ihr ein Grab in den Wolken da liegt man nicht eng

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich nachts  
wir trinken dich mittags der Tod ist ein Meister aus Deutschland  
wir trinken dich abends und morgens wir trinken und trinken  
der Tod ist ein Meister aus Deutschland sein Auge ist blau  
er trifft dich mit bleierner Kugel er trifft dich genau  
ein Mann wohnt im Haus dein goldenes Haar Margarete  
er hetzt seine Rüden auf uns er schenkt uns ein Grab in der Luft  
er spielt mit den Schlangen und träumet der Tod ist ein Meister aus  
Deutschland

dein goldenes Haar Margarete  
dein aschenes Haar Sulamith

## **Fuga da morte** (*trad. Modesto Carone*)

Leite negro da madrugada nós o bebemos de noite  
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos de noite  
nós o bebemos bebemos  
cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz apertado  
Um homem mora na casa bole com cobras escreve  
escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete  
escreve e se planta diante da casa e as estrelas faíscam ele assobia para os seus  
mastins  
assobia para os seus judeus manda cavar um túmulo na terra  
ordena-nos agora toquem para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos de noite  
nós bebemos bebemos  
Um homem mora na casa bole com cobras escreve  
escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete  
Teu cabelo de cinzas Sulamita cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz  
apertado  
Ele brada cravem mais fundo na terra vocês aí cantem e toquem  
agarra a arma na cinta brande-a seus olhos são azuis  
cravem mais fundo as enxadas vocês aí continuem tocando para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos de noite  
nós bebemos bebemos  
um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete  
teu cabelo de cinzas Sulamita ele bole com cobras

Ele brada toquem a morte mais doce a morte é um dos mestres da Alemanha  
ele brada toquem mais fundo os violinos aí vocês sobem como fumaça no ar  
aí vocês têm um túmulo nas nuvens lá não se jaz apertado

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
nós te bebemos ao meio-dia a morte é um dos mestres da Alemanha  
nós te bebemos de noite e de manhã nós bebemos bebemos  
a morte é um dos mestres da Alemanha seu olho é azul  
acerta-te com uma bala de chumbo acerta-te em cheio  
um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete  
ele atija seus mastins sobre nós ele nos dá um túmulo nos ares  
ele bole com cobras e sonha a morte é um dos mestres da  
Alemanha

teu cabelo de ouro Margarete  
teu cabelo de cinzas Sulamita

# Paul Celan

---

## **Introdução:**

Minha porta de entrada para o mundo melancólico e a poesia hermética de Paul Celan foi o poema que melhor define sua persona poética: “Todesfuge” (“Fuga da morte”), descrito anteriormente. A oportunidade de poder ouvir, em fita cassete, o próprio poeta declamando sua obra-prima foi um momento ímpar e que jamais esquecerei. A interpretação, sofrida e contundente, acertou-me em cheio, arrebatou a todos os meus sentidos e, então, a catarse se fez.

Uma das coisas mais impressionantes na vida e obra de Paul Celan foi o modo trágico como o poeta assumiu a responsabilidade de sua época. Por isso, o fascínio de que se revestiu deve-se a essa dupla dimensão, entre o poeta que ele foi, no “limiar do emudecimento” e o ser humano, profundamente consciente da sua época e do seu tempo.

Como a obra de Paul Celan não pode ser dissociada de sua experiência biográfica como escritor, começarei por suas origens e, para tal, apresento dados sobre o país e a região em que nasceu o poeta: Romênia e Bucovina, respectivamente. Cabe aqui ressaltar que também constam neste trabalho informações atuais sobre estes lugares. Isso nos dá a oportunidade de comparar o que chamarei aqui de antes e depois e, também, de conhecer melhor uma cultura, aparentemente, tão distante de nós.

## I) Romênia:



Bandeira da Romênia



Brasão da Romênia

**Língua oficial:**romeno  
**Capital:**Bucareste  
**Presidente:**Traian Băsescu  
**Primeiro-ministro:**Călin Popescu-Tăriceanu  
**Área:**  
- Total  
- % água  
**78º maior**  
**238,391 km²**  
**3.0%**  
**População**  
- Total (2002)  
- Densidade  
**49º mais populoso**  
**21,698,181**  
**91.3 h/km²**  
**Independência:**9 de Maio de 1877  
(do Império Otomano)  
**Moeda:**Leu  
**Fuso horário:**UTC +2/+3  
**Hino nacional:**Desteaptă-te, Române!

A Romênia é um país da Europa Oriental limitado a norte e a leste pela Ucrânia, a leste pela Moldova (ou Moldávia) e pelo mar Negro, a sul pela Bulgária e a oeste pela Sérvia, Montenegro e pela Hungria. A Romênia também possui uma pequena costa marítima no mar Negro. Sua capital é a cidade de Bucareste.

O nome Romênia vem de Roma ou do Império Romano (Oriental) e enfatiza as origens do país como província do Império Romano. Na Antiguidade Tardia, o Império Romano era frequentemente chamado de Romania em latim. Alguns historiadores discutem que o Império Bizantino medieval deveria ser chamado propriamente de Romania, mas isso não foi aceito. O nome "Romania" também é usado para o grupo de terras europeias onde apareceram as línguas românicas.

### História

O território da atual Romênia era habitado desde pelo menos 513 a.C. pelos getae-dácios, uma tribo trácia. Sob a liderança de Burebista (70-44 a.C.), os dácios se tornaram um estado poderoso que ameaçava mesmo os interesses regionais dos romanos. Júlio César pretendia iniciar uma campanha contra os dácios, mas foi assassinado em 44 a.C. Alguns meses depois, Burebista compartilhava do mesmo destino, assassinado pelos seus

próprios nobres. Seu poderoso estado dividiu-se em quatro e não se tornou novamente unificado até o ano de 95, no reinado de Decebalus. O estado dácio manteve uma série de conflitos com o Império Romano em expansão, e foi finalmente conquistado em 106 d.C. pelo imperador romano Trajano, durante o reinado do rei dácio Decebalus. Diante de sucessivas invasões dos godos e cárpitais, a administração romana retirou-se dois séculos mais tarde.

### Romênia na Idade Média

Múltiplas ondas de invasões se sucederam, como a dos eslavos no século VI, dos búlgaros e magiares no século IX e dos tártaros no século XIII.

Muitos pequenos estados locais foram criados, mas apenas no século XIII os principados maiores da Moldávia e da Valáquia surgiram para enfrentar o perigo de uma nova ameaça na forma dos turcos otomanos, que conquistaram Constantinopla em 1453. Em 1541, toda a Península Balcânica e a maior parte da Hungria se tornaram províncias otomanas. A Moldávia, a Valáquia e a Transilvânia permaneceram autônomas, sob suserania otomana.

No século XII, a Transilvânia se tornou uma parte largamente autônoma do Reino da Hungria. Reis da Hungria convidaram os pechenegas e cumanos da Valáquia para se estabelecerem na Transilvânia, assim como os szecklers, a Ordem Teutônica e os saxões e schwabs.

No ano 1600, os principados da Valáquia, Moldávia e Transilvânia foram unificadas pelo ban (príncipe) valáquio Mihai Viteazul, mas a unidade se dissolveu após Mihai ser morto, apenas um ano mais tarde, pelos soldados de um general do exército austríaco chamado Giorgio Basta.

Em 1699, a Transilvânia se tornou uma possessão do Império Austríaco após a derrota dos turcos. Os austríacos, por sua vez, expandiram rapidamente seu império: em 1718, uma importante parte da Valáquia, chamada Oltenia, foi incorporada ao Império Austríaco e foi devolvida apenas em 1739.

Em 1775, o Império Austríaco ocupou a parte noroeste da Moldávia, posteriormente chamada de Bucovina, enquanto que a parte oriental do principado (chamada Bessarábia) foi ocupada em 1812 pela Rússia.

## O despertar nacional da Romênia

Como na maioria dos países europeus, 1848 trouxe revolução à Moldávia, Valáquia e Transilvânia, anunciada por Tudor Vladimirescu e sua tentativa com pandurs em 1821. As metas dos revolucionários - independência completa para os dois primeiros e emancipação nacional para o terceiro - permaneceram não realizadas, mas foram a base de evoluções subseqüentes. Além disso, o levante ajudou a população dos três principados a reconhecer sua unidade lingüística e de interesses.

Pesadamente taxado e mal administrado pelo Império Otomano, em 1859, o povo tanto da Moldávia como da Valáquia elegeu o mesmo "domnitor" (governante) - Alexandry Ioan Cuza - como príncipe.

## O Antigo Reino

Em 1866, o príncipe alemão Carol (Carlos) de Hohenzollern-Sigmaringen foi apontado como príncipe para pôr um fim à rivalidade e luta pelo poder por parte das facções boyar romenas. Em 1877, a Romênia declarou independência do Império Otomano e, após uma guerra turca-romena-russa, sua independência foi reconhecida pelo Tratado de Berlim, 1878. Após a guerra a Romênia adquiriu Dobruja, mas foi forçada a ceder a Bessarábia meridional à Rússia. Carlos foi coroado como Carol, o primeiro rei da Romênia, em 1881.

O novo Estado, comprimido entre os grandes poderes dos impérios otomano, austro-húngaro e russo, voltou-se para o oeste, especialmente a França, em busca de seus modelos culturais, educacionais, militares e administrativos. Em 1916, a Romênia entrou na Iª Guerra Mundial do lado da Entente. Ao final da guerra, os impérios austro-húngaro e russo haviam terminado; corpos governamentais criados na Transilvânia, Bessárabia e Bucovina escolheram a união com a Romênia, resultando na Romênia Maior.

## Os anos pré-guerra

Conforme os anos 30 avançavam, a já abalada democracia da Romênia se deteriorou lentamente em direção de uma ditadura fascista. Até 1938, os governos da Romênia mantiveram a forma, se não sempre a substância, de uma monarquia constitucional liberal. A constituição de 1923 deu ao rei um livre reinado para dissolver o parlamento e convocar eleições à

vontade; como resultado, a Romênia experimentaria mais de 25 em uma década.

Esses governos foram progressivamente dominados por vários partidos anti-semitas, ultra-nacionalistas e principalmente semi-fascistas. O Partido Liberal Nacional se tornou constantemente mais nacionalista do que liberal e, de qualquer modo, perdeu o domínio que possuía sobre a política romena nos anos imediatamente após a I Guerra Mundial. Ele foi progressivamente eclipsado por partidos como o (relativamente moderado) Partido Nacional dos Camponeses e sua ramificação mais radical, a Frente Romena, a Liga de Defesa Nacional Cristã (LANC) - que em 1935 se fundiu com o Partido Agrário Nacional para formar o Partido Cristão Nacional (NCP) - e, de forma mais notável, a semi-mística Guarda de Ferro fascista, uma antiga ramificação da LANC que, mais do que esses outros partidos, explorava o nacionalismo, o medo do comunismo e o ressentimento por uma suposta dominação estrangeira e judaica da economia.

No decorrer deste período, esses partidos nacionalistas mantinham uma relação mutuamente desconfiada com o rei Carol II. Com a morte em 1927 de seu irmão Ferdinando, Carol foi prevenido no tocante a assumir o trono devido a famosa concubina judia de Carol, Magda Lupescu. Após ficar 3 anos no exílio, com seu irmão Nicolae servindo como regente e seu jovem filho Miguel como rei, Carol renunciou publicamente à sua concubina e ascendeu ao trono por si mesmo; tornou-se rapidamente claro que sua renúncia fora um blefe.

No entanto, em dezembro de 1937, o rei nomeou o líder da LANC (e poeta) Otavian Goga como primeiro-ministro. Por volta dessa época, Carol encontrou-se com Adolf Hitler, que expressou seu desejo de ver um governo romeno encabeçado pela Guarda de Ferro. Ao invés disso, em 10 de fevereiro de 1938, o rei Carol II usou a ocasião de um insulto público de Goga a Lupescu como uma razão para dissolver o governo e instituir uma ditadura real de vida curta, sancionada dezessete dias depois por uma nova constituição sob a qual o rei nomeava não apenas o primeiro-ministro, mas *todos* os ministros.

Nos dois anos seguintes, sob vários governos de vida curta, o já violento conflito entre a Guarda de Ferro e outros grupos políticos

aproximou-se do nível de guerra civil. A Guarda de Ferro já havia adotado a política de assassinatos e vários governos reagiram na mesma moeda. Em 10 de dezembro de 1933, o primeiro-ministro liberal Ion Duca "dissolveu" a Guarda de Ferro, prendendo milhares; 19 dias depois ele é assassinado por legionários da Guarda de Ferro.

Contudo, os perigos em ambos os lados aumentaram na época da ditadura real. Em abril de 1938, Carol ordenou que o líder da Guarda de Ferro, Corneliu Zelea Codreanu, fosse preso e encarcerado; na noite de 29-30 de novembro de 1938, presumivelmente em retaliação por uma série de assassinatos realizados por comandos da Guarda de Ferro, Codreanu e vários outros legionários foram mortos aparentemente enquanto tentavam escapar da prisão. Acredita-se contudo que não houve tal tentativa de fuga.

A ditadura real foi breve. Em 7 de março de 1939, um novo governo foi formado com Armand Călinescu como primeiro-ministro; em 21 de setembro de 1939, três semanas após o início da II Guerra Mundial, Călinescu, por sua vez, foi assassinado por legionários que vingavam Codreanu.

### A guerra começa

Em 13 de abril de 1939, a França e a Inglaterra comprometeram-se em assegurar a independência da Romênia, mas negociações sobre uma garantia soviética similar fracassaram quando a Romênia se recusou a permitir que o Exército Vermelho cruzasse suas fronteiras. Em 23 de agosto de 1939, a Alemanha Nazista e a União Soviética assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop, que estipulava, entre outras coisas, o "interesse" soviético na Bessarábia. Oito dias depois, a Alemanha Nazista invadia a Polônia. A Romênia permaneceu oficialmente neutra, concedendo refúgio a membros em fuga do governo da Polônia. Após o assassinato em 21 de setembro do primeiro-ministro Călinescu, o rei Carol tentou manter a neutralidade por mais vários meses, mas a rendição da França e a retirada da Inglaterra da Europa tornou sem sentido as garantias delas com relação à Romênia.

Em 1940, a Romênia perdeu territórios tanto no leste como no oeste. Em julho, após dar um ultimato à Romênia, a União Soviética obteve a Bessarábia e Bucovina; dois terços da Bessarábia foram anexados a uma parte da U.R.S.S. para formar a República Socialista Soviética Moldaviana. O resto foi conferido à República Socialista Soviética Ucraniana. Pouco depois, em 30 de agosto, pelo Segundo Arbitramento de Viena (ou Vienna Diktat), a Alemanha e a Itália forçaram a Romênia a "devolver" metade da Transilvânia à Hungria; essa questionável área historicamente húngara ficou conhecida daí em diante como "Transilvânia Setentrional", em oposição à "Transilvânia Meridional", que permaneceu romena. Em 7 de setembro, pelo Tratado de Craiova, o Kadrilater ou "Quadrilátero" (a parte meridional de Dobruja) foi cedido à Bulgária. Essas perdas territoriais estilhaçaram as bases do poder de Carol.

O governo de Ion Gigurtu, formado em 4 de julho de 1940, foi o primeiro a incluir um ministro da Guarda de Ferro: Horia Sima, um anti-semita particularmente virulento que se tornou o líder nominal do movimento após a morte de Codreanu, foi um dos poucos legionários proeminentes a sobreviver à carnificina dos anos anteriores.

#### Antonescu chega ao poder



Na trilha imediata à perda da Transilvânia Setentrional, em 4 de setembro de 1940, a Guarda de Ferro (liderada por Sima) e o General (posteriormente Marechal) Ion Antonescu se uniram para formar um governo de um "Estado Legionário Nacional", que forçou a abdicação de Carol II

em favor de seu filho de 19 anos Mihai (Miguel). Carol (e Lupescu) partiram em exílio e a Romênia (apesar da recente traição sobre cessões territoriais) voltou-se fortemente na direção do Eixo.

No poder, a Guarda de Ferro endureceu a já rígida legislação anti-semita (assim como promulgou uma legislação voltada diretamente contra os homens de negócios armênios e gregos, abrandada às vezes pela disposição dos oficiais em receber subornos) e desencadeou uma vingança sobre seus inimigos. Tropas nazistas, que começaram a entrar na Romênia em 8 de outubro de 1940, logo somavam mais de 500.000; e, em 23 de novembro de 1940, a Romênia se uniu às Forças do Eixo. Mais de 60 antigos dignitários ou oficiais foram executados na prisão de Jilava em 27 de novembro de 1940 enquanto aguardavam julgamento; o historiador e ex-primeiro-ministro Nicolae Iorga e o economista Virgil Madgearu, também um ex-ministro do governo, foram assassinados sem ao menos um pretexto de uma prisão.

A coabitação entre a Guarda de Ferro e Antonescu nunca foi fácil. Em 20 de janeiro de 1941, a Guarda de Ferro tentou um golpe, combinado com um massacre contra os judeus de Bucareste. Em quatro dias, Antonescu havia suprimido de forma bem sucedida o golpe. A Guarda de Ferro foi retirada à força do governo. Sima e muitos outros legionários refugiaram-se na Alemanha; outros foram aprisionados.

Em 22 de junho de 1941, exércitos alemães, com apoio romeno, atacaram a União Soviética. Após recuperarem a Bessarábia e a Bucovina, as unidades romenas lutaram lado a lado com os alemães nazistas em direção à Odessa, Sebastopol e Stalingrado. A contribuição romena de tropas foi enorme, atrás apenas da própria Alemanha Nazista e superando a de todos os outros aliados da Alemanha Nazista combinados. Um *Estudo de País* feito pela Divisão Federal de Pesquisas da Biblioteca do Congresso dos E.U.A atribui isso a uma "competição mórbida com a Hungria para cair nas graças de Hitler... [na esperança de]... recuperar a Transilvânia Setentrional". [1]

---

[1] Referências : Algumas passagens deste artigo foram extraídas do *Estudo de País* (de domínio público) da Divisão Federal de Pesquisas dos E.U.A. sobre a Romênia, patrocinado pelo Departamento do Exército dos E.U.A, pesquisado pouco antes da queda do regime comunista da Romênia em 1989 e publicado pouco depois.

A Romênia anexou terras soviéticas imediatamente a leste do Dnister, incluindo a cidade de Odessa. O mais importante general da Romênia, Petre Dumitrescu, recebeu o comando do Terceiro Exército Romeno, avançando muito a dentro da União Soviética antes de ser eventualmente repellido durante o último estágio da guerra. O Sexto Exército Alemão foi colocado brevemente à sua disposição em novembro de 1942 durante uma tentativa alemã de socorrer o Terceiro Exército Romeno após uma devastadora ofensiva soviética.

No decorrer dos anos Antonescu, a Romênia forneceu à Alemanha Nazista e aos exércitos do Eixo petróleo, grãos e produtos industriais, a maioria sem compensação monetária. Conseqüentemente, em 1943, a Romênia se tornou um alvo de bombardeio Aliado, notavelmente o ataque de 1º de agosto de 1943 nos campos de petróleo de Ploiești. Além disso, devido a exportações não compensadas, a inflação aumentou enormemente na Romênia, e (citando novamente o mesmo *Estudo de País*) "até mesmo oficiais do governo começaram a reclamar sobre a exploração alemã".

Apesar de tanto a Hungria como a Romênia serem aliadas da Alemanha Nazista, o regime de Antonescu continuou em hostilidade diplomática com a Hungria sobre a situação da Transilvânia. Antes da contra-ofensiva soviética em Stalingrado, o governo de Antonescu considerou a guerra com a Hungria pela Transilvânia uma inevitabilidade após a esperada vitória sobre a União Soviética.

#### Romênia e o Holocausto

Mesmo após a queda da Guarda de Ferro, o regime de Antonescu, aliado à Alemanha Nazista, continuou a política de opressão e massacre de judeus (e, de forma secundária, de ciganos), embora principalmente nos territórios orientais. Chacinas e extradições eram a ordem do dia na Moldávia, Bucovina e Bessarábia. O número de mortes é discutível, mas mesmo as estimativas mais baixas giram em torno de 250.000 judeus (e 25.000 ciganos) nessas regiões orientais, enquanto que 120.000 dos 150.000 judeus da Transilvânia morreram nas mãos dos húngaros.

No entanto, em total contraste com boa parte da Europa Central e Oriental, a maioria dos judeus romenos sobreviveu à guerra. O governo de Antonescu fez planos para deportações em massa da Valáquia, Transilvânia

Meridional e Moldávia meridional e ocidental, mas nunca os colocou em prática.

Historiadores discordam na questão de se os pedidos contínuos do antigo colega de classe judeu de Antonescu, Wilhelm Filderman, tiveram um papel principal nisso, se Antonescu calculou que a Romênia ocidental não era anti-semita o suficiente para tornar a deportação prática, se ele não estava disposto a sacrificar a contribuição judaica à economia romena ou se ele simplesmente estava se precavendo no caso de uma derrota. (Também é digno de nota que, apesar de seu anti-semitismo óbvio, Antonescu tinha uma madrasta judia e uma primeira esposa franco-judia.)

### O golpe real

Em fevereiro de 1943, com a contra-ofensiva soviética em Stalingrado, a maré da guerra virou contra as Forças do Eixo. Em 1944, a economia romena estava em frangalhos devido às despesas da guerra (e ao bombardeio Aliado), e um ressentimento pela mão pesada da Alemanha Nazista estava crescendo mesmo entre aqueles que haviam apoiado entusiasticamente a guerra. O rei Mihai, que inicialmente tinha sido em grande parte um testa-de-ferro, liderou um bem sucedido golpe em 23 de agosto de 1944 com apoio de políticos de oposição e do exército, depôs a ditadura de Antonescu e colocou os abatidos exércitos da Romênia no lado dos Aliados. A Romênia sofreu grandes baixas adicionais enfrentando os alemães nazistas na Transilvânia, Hungria e Tchecoslováquia.

### Após a guerra

Pelo Tratado de Paris de 1947, os Aliados recusaram o status de co-beligerante à Romênia. A Transilvânia Setentrional mais uma vez foi reconhecida como uma parte integral da Romênia, mas a U.R.S.S. teve permissão para anexar a Bessarábia e a Bucovina Setentrional; renomeadas como "R.S.S. Moldaviana", elas se tornaram independentes apenas em 1991, com o nome de Moldova. A ocupação soviética após a II Guerra Mundial levou à formação de uma República Popular comunista em 1947 e à abdicação do rei.



## A Romênia comunista

A ocupação soviética após a II Guerra Mundial levou à formação de uma República Popular comunista em 1947 e à abdicação do rei Miguel, que partiu para o exílio.

No início dos anos 60, o governo comunista da Romênia começou a assegurar uma certa independência da União Soviética. Ceaușescu tornou-se líder do Partido Comunista em 1965 e chefe de Estado em 1967. A condenação de Ceaușescu da invasão soviética da Tchecoslováquia em 1968 e um breve relaxamento na repressão interna ajudaram a lhe fornecer uma imagem positiva tanto em casa como no oeste. Seduzidos pela política exterior "independente" de Ceaușescu, líderes ocidentais demoraram a se voltar contra um regime que, ao final dos anos 70, tornara-se progressivamente duro, arbitrário e caprichoso. O rápido crescimento econômico incentivado por créditos estrangeiros gradualmente deu lugar a uma austeridade rígida e a uma repressão política severa.

O governo de décadas do presidente Nicolae Ceaușescu tornou-se progressivamente severo no decorrer dos anos 80.

Dezembro de 1989 marcou a queda de Ceaușescu e o fim do regime comunista na Romênia, uma mudança violenta, que resultou em mais de 1000 mortes durante os eventos decisivos em Timișoara e Bucareste. Após uma semana de estado de intranquilidade na cidade Timișoara, Ceaușescu perdeu o controle sobre o governo do país, fugindo de Bucareste após convocar uma reunião de apoio que se voltou contra ele em 21 de dezembro de 1989, sendo preso e executado em 25 de dezembro de 1989. A série de eventos conhecida como a Revolução Romena de 1989 permanece até hoje uma questão de debate, com muitas teorias conflitantes sobre as motivações e mesmo as ações de alguns dos personagens principais. Um antigo ativista marginalizado por Ceaușescu, Ion Iliescu conseguiu reconhecimento nacional como líder de uma coalizão governamental improvisada, a Frente de Salvação Nacional (FSN), que proclamou a restauração da democracia e liberdade em 22 de dezembro de 1989. O Partido Comunista foi declarado ilegal e as medidas mais impopulares de Ceaușescu, tais como a proibição do aborto e a contracepção, foram revogadas.

## Romênia desde 1989

Eleições presidenciais e parlamentares foram realizadas em 20 de maio de 1990. Concorrendo contra representantes do Partido Nacional Camponês e do Partido Liberal Nacional pré-guerra, Iliescu venceu com 85% dos votos. A FSN conseguiu dois terços das cadeiras no Parlamento, nomeou um professor universitário, Petre Roman, como primeiro-ministro e iniciou reformas cautelosas de livre mercado.

Uma vez que o novo governo ainda era largamente formado por ex-comunistas, protestantes anticomunistas acamparam na Praça da Universidade, em Bucareste em abril de 1990. Dois meses mais tarde, esses protestantes, caracterizados pelo governo como "hooligans", foram brutalmente dispersados pelos mineiros do Vale Jiu, convocados pelo presidente Iliescu; esse evento ficou conhecido como a mineiriada. Os mineiros atacaram também os quartéis-generais e casas de líderes de oposição. O governo de Petre Roman caiu no final de setembro de 1991, quando os mineiros retornaram a Bucareste para exigir maiores salários. Um tecnocrata, Theodor Stolojan, foi nomeado para conduzir um governo interino até que novas eleições pudessem ser realizadas.

Uma nova constituição democrática, promulgada pelo Parlamento, foi aprovada por um plebiscito em dezembro de 1991. Nas eleições nacionais de setembro de 1992, o presidente Iliescu venceu um novo mandato por uma clara maioria dos votos e deu a seu partido, a FDSN, um pluripartidarismo. Com apoio parlamentar dos partidos nacionalistas PUNR e PRM e do partido ex-comunista PSM, um governo tecnocrático foi formado em novembro de 1992 pelo primeiro-ministro Nicolae Văcăroiu, um economista.

Emil Constantinescu da coalizão eleitoral da Convenção Democrática (CDR) derrotou o presidente Iliescu no segundo turno da votação e o substituiu como chefe de Estado. Victor Ciorbea foi nomeado primeiro-ministro. Ciorbea permaneceu no cargo até março de 1998, quando foi substituído por Radu Vasile (PNTCD) mas, nas eleições de 2000, o Partido Social Democrata (PSD) e Iliescu venceram novamente e Adrian Năstase foi nomeado primeiro-ministro.

Em 2002, a Romênia foi convidada a entrar na OTAN. No mesmo ano, a UE confirmou seu forte apoio ao objetivo da Romênia de se unir à união em 2007. Ainda assim, muitas reestruturações econômicas precisam ser feitas antes que a Romênia possa alcançar essa meta.

### Política

A Romênia é uma república democrática. O poder legislativo do governo romeno consiste de duas câmaras, o Senat (Senado), que possui 137 membros (relativo a 2004), e a Camera Deputaţilor (Câmara dos Deputados), que possui 332 membros (relativo a 2004). Os membros de ambas as câmaras são escolhidos em eleições realizadas a cada quatro anos. O presidente, chefe do poder executivo, também é eleito pelo voto popular, a cada cinco anos (até 2004 - quatro anos). O presidente nomeia um primeiro-ministro, que dirige o governo, cujos membros são por sua vez nomeados pelo primeiro-ministro. O governo é sujeito a um voto parlamentar de aprovação.

### Etnia, religião e música

O idioma oficial é o romeno, uma língua românica da subfamília itálica, da família dos idiomas indo-europeus. As línguas da família indo-européia são faladas por 1.570 bilhão de pessoas em muitas partes do mundo, mas principalmente na Europa e no hemisfério ocidental. Minorias consideráveis de húngaros e descendentes alemães, principalmente na Transilvânia, também falam húngaro e alemão. Outros grupos étnicos incluem ciganos e nativos dos países vizinhos à Romênia. O verdadeiro tamanho da população cigana é desconhecido por ser computado erroneamente em censos nacionais por várias razões, alguns ciganos decidem se declarar romenos ou húngaros; geralmente o critério é baseado em uma resumida contagem populacional individual). Também há outros como a minoria polonesa (estimada em algumas milhares de pessoas) que vive no condado de Suceava.

A maioria dos romenos é membro da Igreja Ortodoxa Romena, que é uma das igrejas do Cristianismo Ortodoxo Oriental. O catolicismo (tanto o católico romano como o católico romeno) e o protestantismo também estão representados, principalmente nas áreas habitadas pela população mais

próxima da influência ocidental. Em Dobrogea, a região situada na costa do mar Negro, há uma pequena minoria muçulmana (de etnia turca e tártara), uma remanescente do governo otomano e de migrações da Criméia.

### Música da Romênia

A Romênia é um país europeu cuja população inclui comunidades de romenos étnicos, húngaros e roma (ciganos). Tal como na Hungria e noutros países vizinhos, a música popular moderna da Romênia é fortemente influenciada por músicos roma, os lăutari, cuja música de café da era da Segunda Guerra Mundial foi modificada para ser tocada por conjuntos orquestrais populares. A Romênia também tem cenas desenvolvidas de hip-hop, heavy metal e rock and roll. As tarafas da tradição folclórica continuam a ser populares, e alguns músicos folclóricos alcançaram fama nacional.

## II) Bucovina

A Bucovina (em alemão Bukowina ou Buchenland; em ucraniano Буковина) é uma região histórica ao nordeste dos Cárpatos, dividida territorialmente entre a Romênia e a Ucrânia. É a parte mais alta da Moldávia histórica, tanto que em romeno a região é chamada também de Țara de Sus ("Terra de Cima").



### Bucovina setentrional (Ucrânia)

- Chernivtsi (romeno: Cernăuți)
- Hlyboka (romeno: Hliboca)
- Sadagóra (romeno: Sadagura)
- Storozhynets (romeno: Storojineț)
- Vyzhnytsia (alemão: Wiznitz; romeno: Vișnița)

### Bucovina meridional (Romênia)

- Cajvana
- Câmpulung Moldovenesc
- Dolhasca
- Rădăuți
- Suceava

### Música tradicional

A Bucovina é uma província remota e as suas tradições incluem alguns dos mais antigos instrumentos romenos, incluindo a țilincă e a cobza. Também se tocam flautas (fluieraș ou fluier mare), em geral acompanhadas por uma cobza (mais recentemente por um acordeão). Violinos e instrumentos de sopro (metais) foram importados em tempos modernos.

# Paul Celan

Biografia de Paul Pessakh Antschel (1920-1970)



Paul Pessakh\* Antschel (O pseudônimo Celan, adotado a partir de 1945, se origina da transformação anagramática do nome romeno Ancel) era filho único, nasceu em 23 de Novembro de 1920, em Czernowitz, capital da província da Bucovina, Romênia. Como a região pertenceu até o fim da 1ª Guerra Mundial ao Império Austro-Húngaro, o alemão, ao lado do romeno, era a principal língua de comunicação da aristocracia cultural de origem judaica que constituía quase metade da população da cidade natal do poeta, e à qual este pertencia. Entre 1918 a 1939, Czernowitz foi predominantemente uma cidade judia de língua alemã, com uma produção literária expressiva, à qual foi posto um fim definitivo ao fim da 2ª Guerra Mundial, embora durante algum tempo depois de 1945 se registrasse ainda o domínio da língua alemã.

---

\* Pessakh, em hebreu, significa «a boca que relata».

Na cidade natal, faz os estudos pré-universitários, para em 1938 iniciar a faculdade de Medicina em Tours (França). É nessa época que nascem os primeiros poemas. As leituras de Marx e Nietzsche, a par da poesia alemã, sobretudo Hölderlin e Rilke, mas também Goethe e Schiller, Heine, Trakl, Kafka, Hofmannsthal, entre outros, desenvolveram no poeta um gosto pela política e simultaneamente pela literatura. um ano depois inicia a faculdade de Romanística em Czernowitz, que em 1941 acaba ocupada por tropas alemãs e romenas

Em 1940, começou a estudar russo e começa a traduzir Sergei Lessenine. O Exército Vermelho ocupa, entretanto, a sua cidade. Durante esse período, que vai de 1940 a 1941, os judeus não ousavam mostrar-se e revelar a sua religião, os seus costumes. Todavia, o poeta não se escondia e afrontava corajosamente esse medo. Como o relata Edith Silbermann, Paul adorava chamar a atenção sobre si próprio, o que lhe traria grandes desilusões.

É a partir de 1941 que os judeus são "empurrados" para o gueto, pelos alemães. Num dia em que ele sai de casa, antecipando o perigo e refugia-se, graças à sua amiga Ruth Lackner, numa fábrica de cosméticos, aguardando a chegada dos seus pais. Porém, a mãe de Paul negou-se, dizendo-lhe: "Não podemos escapar ao nosso destino". Nesse ano de 1942, os alemães prenderam os seus pais, que foram levados para um campo de concentração e, no espaço de alguns meses, foram ambos assassinados. Paul Celan e outros judeus são então colocados diante do dilema de terem de expressar-se na língua falada também pelos assassinos de seus familiares, ilustrada por uma frase conhecida do poeta: **"meine Muttersprache ist die Sprache der Mörder meiner Mutter"**.

Pouco tempo depois, o próprio Paul Celan alista-se num campo, em Tabaresti, na Romênia, onde se sente mais seguro do que na sua cidade. O trabalho é árduo, mesmo assim, resta um tempinho para ler e escrever, para traduzir, vivenciando a miséria, o desastre e a destruição, à sua volta. Temas como **"a morte na neve"** serão um dos mais recorrentes da sua obra poética, testemunhando a tragédia dos judeus e, sobretudo, a dor da morte dos seus pais. O frio glacial, as pegadas e vestígios que se

dissipam na neve são essas tantas formas metafóricas de exprimir a morte, metáforas que se apresentam de modo constante na sua poesia.

Em 1943, a derrota dos alemães parecia tão próxima que foi permitido aos residentes de Tabaresti o regresso às suas cidades e Paul regressou, então, a Czernowitz. Mesmo depois da destruição do núcleo judaico de língua alemã de sua cidade natal e após a sua libertação do campo de trabalhos forçados, ele deu impulso à sua vocação de poeta de língua alemã, com a qual manteve uma relação de atração e repulsa durante toda a sua trajetória.

Na Primavera, os soviéticos entravam, pela segunda vez, na sua cidade. Paul avistava um novo período menos cruel. Evitou, por essa altura, a entrada no exército russo, com alguma ajuda, pois a guerra ainda não havia terminado. Em compensação, trabalhou como ajudante numa clínica psiquiátrica, onde se encarregava de tratar os soldados soviéticos com feridas na cabeça e em estado de choque. Para ganhar dinheiro, realizava traduções para o ucraniano, num periódico local. Nessa época, reuniu um conjunto de 93 poemas datilografados e entregou uma outra coleção escrita à mão à sua amiga Ruth Lackner, para que ela os fizesse chegar a Bucareste e os entregasse ao poeta Alfred Magul-Sperber.

No Outono de 1944 retoma os seus estudos de inglês, na universidade que foi reaberta pelos soviéticos e entregou-se à leitura de escritores hebreus.

Terminada a guerra, Paul Celan começa a trabalhar em Bucareste como assistente editorial e tradutor, atividade em que se destacou ao longo de sua vida. Em Bucareste, traduz obras de autores russos (Tchecov e Lermontov, por exemplo). Em Paris, dedica-se à literatura francesa (Valéry; Rimbaud e Michaux, entre outros), além de vários poetas russos, como Ossip Mandelstam, sempre autores aos quais se sente ligado pessoal e/ou poeticamente. Em 1947 ele deixa a Romênia e vai para Viena, onde publica, no ano seguinte, o livro *Der Sand aus den Urnen*, que manda recolher antes de mudar-se para Paris.

Na capital francesa, estuda Germanística e Linguística. A partir de 1950, trabalha como escritor e tradutor. Em 1952 Paul casa-se com a artista plástica Gisèle Lestrangé, com quem tem um filho, em 1955, a quem deram o nome de Eric.

A partir de 1952 começam a ser publicados os seus livros de poemas: *Mohn und Gedächtnis*, daquele ano; *Von Schwelle zu Schwelle*, de 1955; *Sprachgitter*, de 1959, *Niemandsrose*, de 1963; *Atemwende*, de 1967; *Fadensonnen*, de 1968; *Lichtzwang*, de 1970. Em 1958 recebe o Prêmio Literário da Cidade de Bremen; em 1960, o Prêmio Georg Büchner de Darmstadt; em 1964, o Grande Prêmio Cultural de Nordrhein-Westfalen.

Os últimos livros de Celan, no entanto, não encontram mais tanta ressonância de público. Os anos que antecedem sua morte se caracterizam por tendências autodestrutivas, mania de perseguição e surtos de amnésia. Paul Celan acaba por suicidar-se no rio Sena, em abril de 1970.

Em 1971 é publicado seu livro *Schneepart*, organizado por ele antes mesmo de *Lichtzwang*. Uma reunião de poemas do espólio, sob o título *Zeitgehöft*, é publicada em 1976, assim como em 1985 seus primeiros poemas (*Gedichte 1938-1944*), numa época em que era claramente influenciado por Hölderlin, Rilke e Trakl. Em 1997 a Editora Suhrkamp reuniu os poemas do espólio sob o título *Die Gedichte aus dem Nachlaß*, escritos ao longo de sua vida.

Seus textos em prosa ocupam menos de 50 páginas de suas obras completas, mas oferecem valiosas perspectivas de leitura para uma poesia reconhecidamente hermética que, nas palavras do poeta, "se afirma às margens de si mesma", no limiar do silêncio, do emudecimento.

Apesar da origem judaica, de ter nascido na Romênia, das décadas em Paris e da terrível contradição - a de escrever numa língua que era a da sua mãe e também a dos seus carrascos, Paul Celan sempre se fez entender como "escritor alemão".

# Paul Celan

---

## **O poeta e sua obra:**

Paul Celan jamais esqueceu a sua origem judaica. Porém, não é a sua origem e sim o sofrimento que ela lhe causou que marca a sua memória e a sua poética de dor e divisão face a um mundo e a um Deus que permitiu o horror dos campos de concentração, onde viu morrer quem lhe era querido e quem lhe seria estranho (se não tivesse morrido também ali naquelas circunstancias). O poeta escapa, mas não esquece as imagens que o acompanharam por toda a vida. Tais imagens, e muitos dos apelos e das invocações que faz em seus poemas, dirigem-se a um Olhar Ausente, um olhar cego. Era preciso falar, era preciso DIZER o que muitos tinham decidido que seria indizível, e é o esforço do dizer que estrutura a poética de Celan.

A coragem do poeta reside, precisamente, no modo como assume em si a configuração do paradoxo: se, por um lado, ele vai à procura do Outro e caminha para ele, nada recusando (tal como o herói trágico se sabe impedido de recusar o destino); por outro, tem de lutar contra os limites que lhe são impostos pela linguagem. Não se conforma com a mudez que pesa sobre a História como uma maldição, mas "morde o destino" e a dor de dizer o insustentável. Ele é tomado por um imperativo ético de dizer o "indizível" e é nessa medida que o lirismo (no sentido de Philippe Lacoue-Labarthe) de Celan atinge os seus contornos mais pungentes.

Seu radicalismo é, sem dúvida, a principal característica da sua poesia, levado ao seu extremo, na perda total do último reduto do homem: a sua humanidade, no confronto com a ausência de Deus. Leia-se o poema "Psalm" (Salmo), em "Die Niemandrose" (A Rosa de Ninguém) :

Seus poemas são densos, difíceis e melancólicos. Escrever poemas significava para Paul Celan tentativa de orientação, procura de sentidos e direções - não deixa de ser uma espécie de bússola -, e aí se entende a afeição do poeta, ao longo de sua obra, pelo uso e criação de vocábulos a partir de terminologia geológica. Sabe-se que a geologia consistia para ele num dos temas de grande interesse. (Cf. WERNER, 1996, p. 165).

De acordo com Celan, função essencial do poema é: "linguagem como figura, direção e respiração.". O poema, na sua obscuridade e complexidade, é autêntico. O ofício do poeta constitui-se, como o afirma

na Carta a Hans Bender, de acordo com a condição necessária da verdade e do caminho para o Outro.

Como excelente tradutor que era, Paul Celan sabia que a tessitura de um poema exige uma negociação ao ser traduzida: ora se ganha no aspecto sonoro, métrico, ora se ganha no aspecto semântico, de sentido, e isto, ora na língua de partida, ora na língua de chegada. O que se ganha num aspecto e numa língua, no entanto, perde-se em outro aspecto e na outra língua. O tradutor precisa conviver com essas perdas, para minimizar a carência. E foi exatamente o que Celan tentou fazer em sua vida e obra.

Ele traduziu mais de quarenta poetas, de diferentes línguas, inclusive o português de Fernando Pessoa, para o alemão, escreveu poemas, e em alemão, não apenas depois da sua própria experiência terrível, como depois da célebre e polêmica frase de Theodor Adorno: **“nach Auschwitz ein Gedicht zu schreiben ist barbarisch [...]”** (“escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro”). Na verdade, ele escreve poesia após, apesar de e por causa de Auschwitz.

Contrariando a polêmica questão acima mencionada, Paul Celan escreve **“Der Todestango”**, a primeira versão de **“Todesfuge”**, poema que o celebrizou. A primeira publicação foi, em língua romena, no número de Maio de 1947 da revista **Agora**, de Bucareste, graças à tradução do seu amigo Petre Solomon.

Um acontecimento terrível parece estar relacionado com o poema, de forma mais direta. Num panfleto escrito por Konstantin Simonov, datado de 29 de Agosto de 1944, sobre o campo de extermínio de Lublin, o autor contava que durante os trabalhos no campo eram tocados tangos e fox-trots. Na revista romena, onde foi publicada a primeira tradução do poema, sob o título **“Tango de Morte”**, um ano antes da publicação do original, uma nota de apresentação dizia que o poema publicado era construído a partir da evocação de um fato real. Um grupo de prisioneiros, nesse campo, era obrigado a cantar canções nostálgicas enquanto os outros abriam valas comuns. Mas existe, ainda, uma outra fonte de informação, a qual dizia que, num campo próximo de Czernowitz, um comandante das SS obrigava violinistas judeus a tocar um tango,

enquanto eram cavados túmulos e decorriam marchas, torturas e execuções. Um dia, o comandante disparou contra toda a orquestra.

Música e morte entretecem-se, na poesia de Celan, evocando a atmosfera lírica de Schubert - A Morte e a Donzela - ou de Mahler, de Brahms e do Requiem Alemão, numa tentativa de harmonizar a mais dolorosa e insustentável vivência. Celebração, não da morte, mas daqueles que pereceram nos campos de morte, sob as condições mais desumanas que é possível imaginar-se e a dilaceração surge, de forma sublime, no poema "Fuga da Morte":

Em relação ao tema da "dança da morte", sabe-se que Paul Celan conhecia bem os "Simulacros da Morte" de Hans Holbein e a tradição da dança macabra, nos poetas alemães e no imaginário medieval, onde a vida é de tal forma precária que o tema da "dança com a morte" assume uma visibilidade que o homem contemporâneo consideraria insuportável. Por outro lado, a questão prende-se igualmente ao problema da língua alemã. A língua em que Celan escrevia era a alemã, a mesma que os "mestres da morte" usavam. Essa terrível contradição - a de escrever numa língua que era a da sua mãe e também a dos seus carrascos - ocupava-lhe permanentemente o espírito e transformou-se numa das suas obsessões fundamentais e que se exprime da forma mais intensa na sua poesia, introduzindo nela uma profunda crispação:

Derrida, quando fala da experiência da morte em Celan, refere-se, também, ao aspecto da morte, tal como ela é vivida na experiência da língua:

"Parece-me, a cada instante, que ele deve ter vivido esta morte. De muitas maneiras. Deve tê-la vivido por toda a parte onde sentiu que a língua alemã era morta duma certa maneira, por exemplo pelos sujeitos da língua alemã que fizeram um certo uso dela: ela é assassinada, morta (...) A experiência do nazismo é um crime contra a língua alemã. O que foi dito em alemão sob o nazismo, isso é uma morte. Há outra morte que é a simples banalização, a trivialização da língua alemã, não importa quando ou onde. E, depois, há uma outra morte que é aquela que não pode chegar à língua

por causa daquilo que ela é, isto é: posta em letargia, mecanizada, etc. O ato poético constitui, então, uma espécie de ressurreição: o poeta é alguém que tem a tarefa permanente, numa língua que nasce e ressuscita, não de lhe dar um aspecto triunfante, mas despertando-a como se desperta um fantasma: ele desperta a língua e para tornar viva a experiência do despertar, do retorno à vida da língua, é necessário estar próximo do seu cadáver.”

Esta experiência do limite da linguagem, de que tão bem falam Steiner (Langage et Silence) e Agamben (v. Le Langage et la Mort), Blanchot (sobretudo no livro que é dedicado a Paul Celan, Le Dernier à Parler) aproxima Celan da experiência poética de Hölderlin, também ele no limiar do perigo. A visão corrosiva de Celan está próxima, igualmente, da visão benjaminiana do perigo que sofre, a cada instante, aquele que lida com a linguagem e a tarefa alegórica. Mais ainda, ela aproxima-se de Benjamin, no que se refere à tarefa da rememoração, tema por excelência do pensamento hebraico, tomado na sua mais ampla dimensão e que se articula com a da temporalidade do poema. Ambos comungaram da questão da cesura e do limite do dizer, com ele, igualmente, a tarefa da rememoração enquanto alvo da sua escrita. Ainda que esse alvo se colocasse, no caso de Celan, no cerne do paradoxo da insustentável experiência dos campos.

Alegoria (metáfora) e rememoração (repetição) são pólos constitutivos da poesia de Celan, no sentido em que a única experiência possível de rememoração e de luta contra o esquecimento só pode ser levada a cabo pelo gesto redentor da escrita. No caso de Celan, é na e pela linguagem poética que ela se opera. Também fazem parte de sua poesia a questão do duplo, o diálogo, o jogo de imagens luz/sombra/cegueira.

A construção do poema obedece à seqüência dialógica do Eu com o Outro, do poeta com a Verdade. Porém, essa caminhada, do poema impossível que “fala em nome do outro” é, na sua contradição íntima, uma caminhada na direção do abismo. A poética de base dialógica de Paul Celan apresenta afinidades com a filosofia do diálogo do pensador Martin Buber (1878-1965). O poeta leu livros de e sobre Buber, inclusive sua obra magna Eu e Tu, publicada em 1923, em que analisa a filosofia do diálogo como filosofia da relação: “No começo é a relação”, afirma Buber (BUBER, 2003, p. 20). O pensador explica a duplicidade da atitude do homem no mundo através de palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso: “O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-

princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação" (idem, p. 6). Segundo Buber, "o homem se torna Eu na relação com o Tu" (idem, p. 32).

Paul Celan, já em sua juventude, lia e tinha grande admiração por Martin Buber, principalmente por sua teoria espiritual da fala e a tradução da Bíblia. Conforme John Felstiner, biógrafo do poeta, Paul Celan comprou em 1959 um livro sobre Buber (escrito por Hans Kohn, 1930) e sublinhou frases de sua filosofia da linguagem: "O fato de nós podermos dizer Tu explica que se diga Tu a nós também." E "o espírito não está no Eu, mas entre o Eu e o Tu" (apud Felstiner: 189). Esses princípios, observa Felstiner, comparecem em *Gespräch in den Bergen* (Conversa na montanha, 1913) de Martin Buber assim como em "Gespräch im Gebirg" (Diálogo na montanha) de Paul Celan. Neste diálogo se lê, entre outras passagens sobre a relação entre o Eu e o Tu, a seguinte reflexão: "uma língua, é isso então, sem Eu e sem Tu, só Ele, só Isso, percebes, só Eles, e nada mais." (CELAN, 1996, p.37) Verifica-se no volume de poemas *Sprachgitter* (Grade de palavras, 1959) e nas obras posteriores que o diálogo entre "eu" e "tu" adquire uma extensão e densidade maiores na poética de Celan.

Em 1960, Paul Celan fez uma visita malfadada a Martin Buber em um hotel em Paris. Levou todos os livros que possuía do autor para serem autografados, entre eles *Eu e Tu*. Como relata Felstiner, em gesto de grande respeito e admiração pelo patriarca, o poeta ajoelhou-se para receber sua bênção. Celan perguntou a Buber por que continuou a escrever em alemão e a publicar na Alemanha após a catástrofe. Buber respondeu tratar-se de um perdão à Alemanha. Pelo fato do pensador não ter se mostrado solidário à sua infelicidade, Celan saiu ofendido desse encontro, e nesse dia escreveu o poema "Die Schleuse" (O açude), de temática judaica explícita. (FELSTINER, 1995, p. 213) Na terceira estrofe diz: "Diante / de múltiplos deuses / perdi uma palavra que me buscava: / Kadish." (CELAN: 1983, v.1, p. 222) Esta palavra significa a oração ritual judaica para os mortos.

A lírica celaniana certamente não equivale à linguagem cotidiana de função comunicativa e também não corresponde a uma linguagem poética no sentido retórico do termo. Em artigo intitulado "Memória dos mortos e polaridade dialógica na lírica de Paul Celan", Peter Paul Schwarz define a fala do poeta a partir da divergência entre "linguagem" (Sprache) e "palavra" (Wort): "'linguagem', com função meramente comunicativa, pertence ao território da vida, e 'palavra', entendida como palavra essencial, está aberta para a transcendência dos mortos, podendo certamente desvincular-se dessa transcendência" (SCHWARZ, 1970, p. 171). Para o autor, a "palavra" celaniana é construída basicamente a partir de oposições entre elementos e da tensão polar entre "eu" e "tu", sendo o eu compreendido como a voz poética e o tu vinculado ao território dos mortos. Nessa proposta interpretativa, a realidade criada pela palavra poética seria o trânsito, o diálogo, o movimento entre dois territórios: o dos vivos e o dos mortos.

O ciclo de poemas "Hausto-Cristal", embora não negue a realidade poética da interação entre vivos e mortos na lírica de Celan, sugere sua ampliação para uma comunicação, por exemplo, entre os reinos orgânico e inorgânico, e, possivelmente, para a criação de um reino heterogêneo, que só ganha existência por meio da palavra essencial do poeta. Para que se proceda a essa leitura, a lírica há de ser entendida não somente como lugar do não-túmulo de Auschwitz, mas também como lugar-limite da memória, que possibilite uma saída para uma herança, para uma recordação, ou, nas palavras do poeta, que permita "uma mudança de ar". E essa saída seria por meio da afirmação da vida, ainda que despojada de sonhos, de imagens, de cores. A realidade construída pelo poeta em "Hausto-Cristal" seria uma espécie de suporte para a vida que remanesce, um abrigo que legitime a troca de ar, onde inspirar e expirar sejam possibilitados pela presença do "tu", pela criação e ocupação do lugar vazio deixado para o leitor. O diálogo com o "tu" (entenda-se também a entrada do leitor no poema) constitui e anima a estrutura pétrea dessa escrita, que se deixa entender, em parte graças à sua extrema condensação, como um composto orgânico-inorgânico.

A série "Hausto-Cristal" pode ser conceituada como um misto de fôlego - pontuado pelo "tu" que a constitui - e formações cristalográficas - as palavras poéticas, principalmente as compostas, que parecem repetir em sua gênese padrões da formação dos cristais. As

palavras, tomadas como elementos de ligação, associam-se abruptamente em compostos inesperados, o que revela exemplarmente a expressão "hausto-cristal" (Atemkristall: Atem = respiração, hausto; Kristall = cristal). O poeta se vale da flexibilidade do idioma alemão para a criação de termos compostos e consegue unir elementos que não repetem, no entanto, a transparência dos cristais. Dotadas de opacidade, composições como estas apontam para a materialidade bruta da palavra e, por extensão, para a realidade que criam. Não funcionam como metáforas, não transpõem do sentido próprio ao figurado, não comparam, e sim nomeiam.

Os primeiros livros, *Areia das urnas* e *Papoula e memória* não apresentam o enxugamento e a condensação dos poemas tardios. Os versos da obra posterior, *De limiar em limiar*, de 1955, começam a se tornar mais compactos e a sintaxe, cada vez mais fraturada. Contra o excesso artístico, o poeta prossegue retirando de seus versos marcas retóricas, modulações expressivas, cores, devaneios e pessoas do discurso, até reduzi-las praticamente a "eu" e "tu".

Uma vez, Paul Celan afirmou que o poeta "vai ao encontro da língua com a sua existência, ferido de realidade e em busca de realidade." Como quem lança uma mensagem numa garrafa, dirigindo-se essencialmente a um "tu apostrofável", o tempo do poema confunde-se com aquele que o escreve, absorvendo-o, mas sustenta-se na frágil linha que se liga ao Outro, lugar onde o Eu se dissipa, libertando-se de si próprio.

Talvez, num último delírio, Paul Celan tenha dado fim a sua existência física, jogando-se nas águas do rio Sena, desejando ser a mensagem na garrafa aguardando ansiosamente que o Outro a encontre e liberte. Hoje, ele se materializa em seus poemas.

## ALGUMAS OBRAS DE PAUL CELAN TRADUZIDAS PARA O PORTUGUÊS:

CELAN, Paul. *Arte Poética. O Meridiano e Outros Textos*, tradução de João Barrento, ed. Cotovia, Lisboa, 1996.

CELAN, Paul. *Sete Rosas mais Tarde*, tradução de Yvette Centeno e João Barrento, edições cotovia, Lisboa, 1993.

CELAN, Paul. *A Morte é uma Flor*, tradução de João Barrento, edições cotovia, Lisboa, 1998.

CELAN, Paul. *Cristal*, seleção e tradução de Claudia Cavalcanti, Iluminuras, São Paulo, 1999.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADAMER, Hans-Georg. *Quem sou eu, quem és tu? Comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-Cristal de Paul Celan*. Tradução e apresentação de Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

LAGES, Susana Kampff (Unicamp). *Memória e melancolia em Paul Celan. Cisões e desdobramentos entre "Die Todesfuge" (Fuga da morte) e "Die Posaunenstelle" (o lugar das trombetas)* - Especial: Travessias judaicas - forum deutsch, Revista Brasileira de Estudos Germânicos, vol. VIII, 2004

GRASS, Günther. *Meu Século*, Rio de Janeiro, Record, 2001.

BERNARDO, Gustavo. Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 16/07/2005.

ABI-SÂMARA, Raquel. Texto: *A Caminho do "Tu" e da realidade poética* (UERJ)

CANTINHO, Maria João. *Especulo: Revista de estudios literários*. (Universidad Complutense de Madrid - 2005)

---

As informações sobre a Romênia e a Bucovina foram retiradas do site [Wilkipédia.com.br](http://Wilkipédia.com.br) .